JANEIRO MDCCCXCV

VOZ DE S. ANTONIO

Revista mensal illustrada

Abençoada por S. S. o Papa Leão XIII, pelo Ex.mo Ordinario e varios Prelados

N.º 2 * FEVEREIRO 1899 *

5.º ANNO 1895 1899 SÉRIE 3.ª

ARCHIDIŒCESIS BRACARENSIS HISPANIARUM PRIMATIS

J. J. Moreira, des.

P. Mariano jr.

CHRONICA LIGEIRA

SUMMARIO. — «*O Jornal de Caminha*» *e as Irmãs Hospitaleiras.* — *O «grande sacerdote» do positivismo materialeiro portuguez.*

O *Jornal de Caminha*, que se intitula *independente*, e talvez a fim de provar que o é, tentou abocanhar a benemerita Congregação das Irmãs Hospitaleiras Portuguezas. Não o conseguiu, porém. São já tão conhecidos os processos de combate de que usa a jacobinagem indigena, que a gente séria e honrada vota ao merecido desprezo o ingenuo ou o tartufo que d'elles intenta soccorrer-se.

Não sei que fim teria em vista o Romeu do *Jornal de Caminha* (o redactor d'aquelle jornal chama-se Antonio Romeu...) em vir expectorar insultos contra as pobres e indefesas senhoras; segreda-se por lá, á bocca pequenina, que elle intentava anichar-se na direcção do asylo *Silva Torres*, de Caminha, e mais a esposa, e mais as cunhadas, e mais o sogro; o que não poderá realisar em quanto as Irmãs Hospitaleiras estiverem no tal asylo; e que para a realisação de todos estes aureos sonhos, contava com a alta influencia de um dos sobreditos interessados, prestigioso chefe politico lá da terra, o qual, (segundo escrevem n'*A Palarra*) «sem licença de todos nós, — e muito menos do Snr. Arcebispo de Braga, usa bigode e pera, sem que as faces lhe estoirem de vergonha...»

Não sei o que em tudo isto haverá de verdade; quero mesmo suppôr que serão muito rectas as intenções do articulista do *Jornal*; mas por isso mesmo folgaria em que elle saisse do campo das insinuações vagas, e adduzisse factos provados e incontestaveis. Não o fez, porém, assim: limitou-se a umas banalidades vãs e insossas, que denotam ou pobreza de idéas no cerebro que as produziu, ou — o que seria ainda mais triste — um espirito que, de caso pensado e com acinte atraiçôa as proprias convicções, e diz o contrario do que sente (no cathecismo christão chama-se *contradizer a verdade conhecida por tal*...). O que justifica a suspeição de que seja aquillo um mero arrazoado *pro domo sua*.

Seja porém, como fôr, o certo é que tudo aquillo é inepto, banal, falso, calumniador.

Façam idéa que até faz as Irmãs Hospitaleiras *filhas de S. Francisco Xavier*!

Mas a base de sua accusação, está em que o instituidor do asylo prescreveu que ás creanças do sexo feminino se ensinassem, entre outras coisas «as maximas da boa moral e doutrina *pura* e catholica *sem superstições e sem esses preconceitos, abusões e terrores* que conspurcando a religião de Jesus Christo, *embrutecem* o animo das creanças e *as inutilisam para a familia e para a sociedade*».

Bem. Mas quem provou já que as Irmãs Hospitaleiras não ensinam a doutrina *pura* ou ensinam *superstições* e *preconceitos* e *abusões* (que papão será este?...) ou incutem *terrores*? Onde estão as creanças que fôssem por ellas *embrutecidas* e *inutilisadas* para a familia e para a sociedade?

A calumnia é atrevida e sem vergonha...

E' impagavel de graça e de merecimento inapreciavel est'outro periodo:

«Se a mulher intelligente, liberal e bondosa é admiravel, (é muito mais do que isso...) a mulher ignorante, hypocrita e beata é, sem duvida, o ente mais perigoso da sociedade».

Claro que é. Linneu, se tivesse sonhado com tão perigoso bicho, tambem assim o houvera classificado. Não o fez um Linneu, mas fêl-o um Romeu...

Affirma tambem que é deficiente a educação ministrada pelas Irmãs Hospitaleiras, porque «o recrutamento das irmãs mestras se faz a esmo sem se ter na menor consideração o valor profissional das recrutadas».

Isto é absolutamente falso. Cada Irmã é destinada ao mistér para que tem maior capacidade ou idoneidade. E o não ser consultado para o effeito o Romeu do *Jornal de Caminha*, não significa de modo algum que a auctoridade superior da Congregação, ao fazer a distribuição de pessoal, obre arbitrariamente, e sem attender ao que o mais elementar bom-senso está a lembrar...

E' muito curial.

As outras sandices do *Jornal* não valem a pena de ser escalpeladas, e são bastante castigadas com o desprezo.

E continúe, irmãosinho. Faça capacitar-nos a todos nós que o *Jornal de Caminha* não é *hypocrita* nem *tartufo*...

— O *grande sacerdote* do positivismo materialeiro em Portugal, o famigerado snr. Theophilo Braga (mal empregado nome!...) atreveu-se, na sua conferencia sobre Garrett, a pronunciar as seguintes palavras:

«Acabaram os frades, (ora essa?) os capitães-móres e todas as velhas fórmas do regimen catholico-feudal, e ficará um vacuo que a carta constitucional outorgada não podia encher. Garrett teve o dom de satisfazer essa necessidade moral, dando ao sentimento portuguez idealisações estheticas que a alentassem; deu-lhe por objectivo uma patria *independente da religião e da monarchia*.»

Aqui ou ha ignorancia ou má fé. Ahi estão as obras do grande escriptor a provar que era muito differente o seu ideal. Se o snr. Theophilo Braga as não leu, o menos que poderemos chamar-lhe é *ignorante*; se as leu e propositadamente calou o que ellas dizem, para attribuir a Garrett coisas que elle abertamente condemna, é um tartufo de má fé, um insultador vil das cinzas de um morto, que não póde defender-se

Garrett foi, não ha duvida, um *liberal* exaltado; mas, se póde haver *liberaes* sinceros, elle era um dos taes. E nunca deixou de ser um crente. Não póde ser um atheu quem escreve isto:

«... A liberdade não é inimiga da religião do céo nem da religião da terra. Sem ambas não vive, degenera, corrompe-se e em seus proprios desvarios se suicida.

«A religião do Christo é a mãe da liberdade, a religião do Patriotismo a sua companheira.

O que não respeita os templos, os monumentos de uma e outra, é mau inimigo da liberdade, deshonra-a, deixa-a em desamparo, intrega-a á irrisão e ao odio do povo».

Mire-se n'este espelho o snr. Theophilo Braga... E leia tambem um notabilissimo discurso que elle pronunciou no parlamento, no qual se não pejou de dizer:

«A religião é para um paiz o principio e o complemento do ensino; é segundo a bella phrase, tão cançada já, mas tão bella sempre e tão verdadeira de um juris-consulto illustre, o supplemento ao codigo criminal da nação».

E, mostrando a influencia que o clero deve ter no ensino da juventude, continúa:

«Vejo que desde a instrucção primaria se foge com o medo de velhos perigos que hoje não ha, de confiar mais nos parochos, de lhes dar mais alguma auctoridade, que precisavam ter na educação da mocidade. Eu não tenho esses medos; e, sem querer entregar absolutamente a instrucção publica ao clero, desejo, e deseja todo o homem que vê o estado do mundo que juntamente com o primeiro leite da religião, seja dado o primeiro elemento de instrucção

5.º ANNO — N.º 2 | 3.ª SERIE | FEVEREIRO — 1899

VOZ DE S. ANTONIO

Redacção e Administração: Collegio de S. Boaventura — Braga

Papelaria e Typographia Universal
DE AUGUSTO COSTA & PEREIRA

Editor
DOMINGOS JOSÉ DE SOUZA GOMES

SUMMARIO

A Instrucção Religiosa.
I Parte — SECÇÃO DOUTRINAL: A Ordem Terceira na Belgica. — A Oração de um Terceiro. — Santo Protector para o mez de março. — Absolvição geral. — Indulgencias a lucrar. — Virtudes a imitar. — Maxima. — Oração.
II Parte — SECÇÃO HISTORICA: Florinhas de S. Francisco. — Pensamentos. — Anecdotas.
III Parte — LEITURAS AMENAS: Os coelhos de S. Diogo.
IV Parte — CULTO DE S. ANTONIO: Portugal. — Braga. — Lisboa — Granja. — Leiria. — Ericeira. — Movimento da Pia União e Pão dos Pobres em Paderne durante o anno findo. — Angra (Açôres). — Os cofres do Pão de Santo Antonio. — Recommendações. — Os nossos defunctos.
V Parte — SECÇÃO SCIENTIFICO-LITTERARIA: Aventura nocturna. — Duas cartas de Garrett. — Ignoto Deo *(poezia)*. — Bibliographia. — As nossas illustrações.
VI Parte — ECHO DAS MISSÕES. CHRONICA UNIVERSAL.
Gravuras: S. Santidade o Papa Leão XIII. — Ill.mo e Ex.mo Snr. Tenente-Coronel José Fernando de Souza (NEMO) — O altar-mór da egreja de Santo Antonio em Brives (França). — O convento de Chilandar (Asia Menor). — A egreja de Sedoná (Bardez-India).

A INSTRUCÇÃO RELIGIOSA

A RELIGIÃO é base essencial de toda a sociedade bem constituida. Onde ella não reinar, ha a desordem, a dissolução, a anarchia o cáos. Não ha politica elevada, ha a galopinagem e o mercadejar vil de consciencias; não ha moral, ha a licença infréne e a satisfação brutal de grosseiros e hediondos appetites; não ha o trabalho honesto e digno, ha as agitações e aspirações socialistas, ha o dynamite em revolta contra os direitos mais sagrados e legitimos; não ha o commercio probo e sério, ha as traficancias, a chatinagem vil, subordinadas ao afan insaciavel de amontoar riquezas — não importa á custa de que meios; não ha industria decorosa e elevada, ha as adulterações e falsificações de tudo, ainda dos generos mais indispensaveis á vida, nos quaes ellas são mais irremediavelmente nocivas; n'uma palavra: não ha consciencia, e, faltando ella, é impossivel a vida social. Um povo sem religião é um povo morto, a esphacelar-se; é um cadaver em decomposição.

O mesmo passa na vida individual: a falta de crenças religiosas é meio caminho andado na senda vertiginosa que leva ao abysmo da desesperação e do suicidio. Um espirito atribulado e opprimido pela dôr, onde achará lenitivo para a sua amargura? Um coração rasgado e dilacerado pelos abrólhos do infortunio, ferido no mais caro de seus affectos, onde ha-

verá balsamo para suas chagas? A vida sem religião não terá um raio de suavissima esperança a dulcificar-lhe as agruras: é deserto sem oásis, tenebrosa noite sem estrellas.

D'esta necessidade absoluta da intervenção da religião na vida do individuo ou da sociedade, deriva a necessidade, igualmente impreterivel, de uma sólida instrucção religiosa. Instrucção que deve ir-se desenvolvendo e completando parallelamente com o desenvolvimento do espirito e com a acquisição dos outros conhecimentos do saber humano.

Com effeito: comprehende-se que, para intelligencias rudes e incultas, sejam sufficientes as noções elementares do cathecismo, nas quaes os dogmas da fé simplesmente são propostos á crença dos fieis, desacompanhados, quasi por completo, de argumentos que comprovem a verdade do — *rationabile obsequium* — de S. Paulo: que a razão e a fé não podem estar em litigio nem opposição.

Quando, porém, o espirito attingiu um certo grau de cultura, quando a razão se habituou a inquirir de tudo, a exigir o porquê de todas as noções com que se vae enriquecendo, sem contentar-se com meras affirmações gratuitas ou com o rotineiro *ipse dixit*, é obvio que, se desconhecer os sólidos motivos de sua crença, ou será levada a considerar a religião como anachronica e a Egreja como instituição caduca, ou será arrastada ao abysmo do racionalismo ou do indifferentismo religioso.

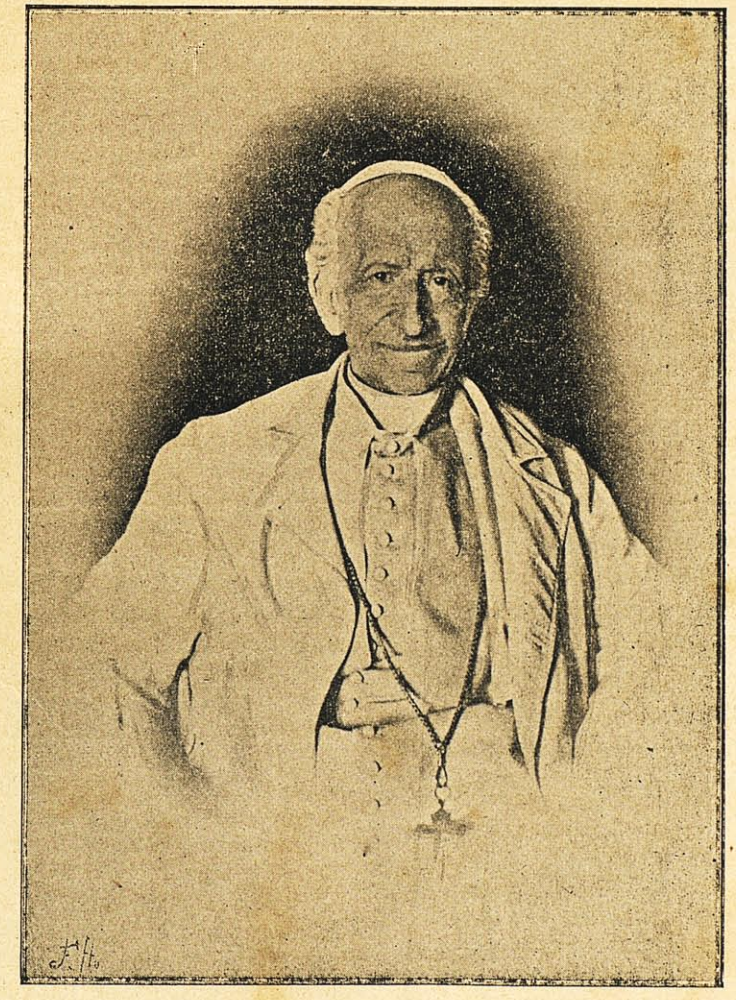
E homens assim, postos á testa do governo d'um povo aonde o levarão?... Não nos atrevemos a adduzir o exemplo das nações modernas, particularmente das nações latinas e nomeadamente de Portugal, onde aquella pergunta terá porventura a mais litteral e a mais desoladora resposta...

E' evidente, porém, que tal instrucção não póde ser ministrada no lar domestico. Aos chefes da familia fallece-lhes, pelo commum, a necessaria competencia. E, quando esta lhes assistisse, escacear-lhes-ia o tempo necessario; ou, quando mesmo tal não succedesse, faltaria opportunidade, pois que geralmente durante o tyrocinio scientifico, o alumno vive quasi todo o tempo ausente da familia.

Logo, na falta de meio mais adequado e facil de conseguir uma completa e sólida instrucção moral e religiosa, ao estado incumbe o dever indeclinavel de intervir e remediar, até onde seja possivel, a deficiencia do ensino domestico.

Assim o téem comprehendido os governos de todos os povos civilisados. Em alguns é mesmo todo o ensino subordinado ao elemento religioso; tendo como certo que entre a religião e a cultura intellectual ha laços de estreitissima alliança, e que a segunda divorciada da primeira, corre perigo d'um lamentavel naufragio, podendo até, em vez de ser um auxiliar da civilisação, converter-se em poderoso elemento de dissolução social.

Só em Portugal se não comprehende assim! E' triste que, n'um paiz cuja lei fundamental garante á religião catholica a prerogativa de religião official do estado, não se encontre, na respectiva legislação do ensino superior, uma palavra que lhe diga respeito! E' inconcebivel que, no longo percurso de sete annos que entre nós dura o tyrocinio das letras, nunca aos ouvidos do adolescente se faça chegar uma só palavra, por aquelles que lhe ministram o pão do espirito, ácerca da religião e da Egreja,



S. Santidade o Papa Leão xiii

de sua moral e de seus dogmas, de sua liturgia e de seu culto!

E ha um padre que, chamado, no exercicio de suas funcções officiaes, a pronunciar-se em tão momentosa questão, sancciona, com o seu voto, um tão inqualificavel estado de coisas!

Espantoso! Simplesmente incrediavel!

E' urgente acabar com similhante anomalia, que nos envergonha e deprime aos olhos dos civilisados. Talvez um movimento persistente e bem dirigido de todos os catholicos, e do clero em especial, consiga inspirar aos poderes legislativos da nação o que não puderam inspirar até hoje a voz da razão, do bom senso e da consciencia.

Unamo-nos, pois, n'essa acção inadiavel, impreterivel; protestemos bem alto contra esse vilipendio, cuspido cynicamente nas faces da maioria dos portuguezes, que é catholica; façamos ouvir a voz da justiça e da consciencia, certos de que, no dia em que chegarmos a conseguir este desiderato supremo, a religião e a patria nos serão devedoras d'um serviço de valor inapreciavel.

SECÇÃO DOUTRINAL

A Ordem Terceira na Belgica

NA Belgica, um paiz que em tanta coisa é hoje um exemplo até para grandes nações; na Belgica, onde um forte partido catholico tem muita vez levado de vencida os seus implacaveis inimigos; na Belgica, a Ordem Terceira está florescente como em poucas partes, e é um grande meio de acção religiosa e civilisadora. Conta em suas fileiras pobres operarios, patrões, nobres e plebeus, grande numero de magistrados civis, deputados e senadores.

Toda essa multidão, tão differente por sua posição social e por suas conveniencias pessoaes, responde sem hesitações a qualquer appêllo dos frades menores.

Para certificar os nossos leitores do que dizemos, bastará apresentar um facto, ao mesmo tempo de molde a despertar os brios dos Terceiros portuguezes.

Para celebrar o vigesimo quinto anniversario da inauguração da gruta de Nossa Senhora de Lourdes, mais de mil Terceiros corresponderam ao convite dos franciscanos da primeira Ordem.

Durante a missa celebrada pomposamente, um frade franciscano falla com eloquencia sobre a acção a desenvolver pelos Terceiros, para a restauração do reino social de Jesus Christo. Depois reunem-se no convento dos religiosos de N. Senhora de Lourdes. Entre os nobres personagens, que compunham a assembléa, avultavam o senador Mulle de Ter Schueren, Arthur Merhayen, membro da deputação permanente da Flandres oriental e Thuysbaert, burgomestre de Lokeren. O Padre Guardião do Convento de Gand preside a toda esta numerosa assembléa. Arthur Verhayen, deputado, toma a palavra, e desenvolve este bello thema: «E' á Egreja que somos devedores da *egualdade*, da *liberdade*, da *fraternidade*; não como absurdamente as entendem os mações e os socialistas, mas como Jesus Christo enriquecendo com ellas o genero humano, e como S. Francisco pondo-as em pratica.

«S. Francisco, quando vivo, era o amigo do povo, o defensor do fraco, disse o orador ao acabar; sua Ordem tem contribuido poderosamente para destruir a injustiça e fazer reinar o espirito de fraternidade. A ordem de S. Francisco, a Ordem dos frades menores, é a Ordem que toma a peito os interesses do povo. Em nossos dias sobre tudo, são necessarias obras materiaes para elevar o povo, e christianisal-o ennobrecendo-o. Entre essas obras distinguem-se os patronatos, as sociedades de soccorros mutuos, etc.... Meios poderosos para elevar, são tambem a chave que dá entrada para os corações.

Permitti que vol-o diga bem alto: Meus

irmãos, entregae-vos sem reserva a estas diversas obras. Não vos contenteis com mantel-as por vossas esmolas, mas entrae vós mesmos n'ellas. O Papa diz-nos: «introduzi-vos no povo». Sim, entretende relações com o povo, tratae-o, interessae-vos por seus soffrimentos, amae-o com uma verdadeira caridade fraterna, e o povo tão generoso vos dará o coração, unir-se-ha a vós, marchará sobre vossos passos. Sim, introduzi-vos no povo, e por vós, o mundo não cessará de ouvir a palavra dos anjos em Belem: Gloria a Deus, e paz aos homens de boa vontade!»

Este final do discurso do eminente deputado, catholico decidido e Terceiro de acção, foi escutado e recebido com frenesi pela assembléa, e calorosamente applaudido. O Padre Guardião do convento de Gand levanta-se e agradece respeitosamente ao orador: «O snr. Verhayen, diz, citou os frades menores como os verdadeiros amigos do povo. Nada mais certo: temos sido amigos do povo, permaneceremos amigos do povo. Sim, estaremos a seu lado para o sustentar com nosso appoio e com nossos conselhos. Jámais seremos da raça dos miseros socialistas, que só procuram excitar as paixões brutaes, que deixam as chagas abertas, que, no momento do perigo, se retiram para as janellas a contemplar os tumultos e a carnificina da rua. Não; viveremos, penaremos a seu lado. Ainda uma vez, snr. Verhayen, obrigado em nome de S. Francisco».

O notavel burgomestre de Lokeren, Prospero Thysbaert, sóbe logo depois á tribuna. Occupa-se do triste estado actual da sociedade, e chama a Terceira Ordem a exercer hoje a sua influencia salutar, sobre a sociedade civil e domestica.

«Nas altas camadas sociaes reina o orgulho e o sensualismo; nas inferiores, nas populares, o descontentamento e a desmoralisação. E a causa de tão lamentavel estado pathologico da sociedade, encontra-se facilmente na falta e quasi completa ausencia das virtudes christãs, unicos meios de regeneração social. O cumprimento do dever, a pratica da caridade fraterna, só existem na religião; fóra d'ella, egoismo, odio, orgulho». Estes, em resumo os pontos capitaes, magistralmente discutidos pelo illustre Thysbaert. Após accrescenta: «A meu vêr, muitos catholicos podem reivindicar uma parte da responsabilidade na situação assustadora de nossos dias. Muitos não ousam arvorar o seu estandarte; alguns receiam manifestar-se por considerações humanas e são, senão cumplices de nossos adversarios, pelo menos muito indifferentes á questão social. Muitos consideram a Ordem Terceira só boa para os devotos; ignoram, ou fingem ignorar, que é ella o esquadrão eleito, o porta-bandeira na guerra actual entre o bem e o mal. Esta apathia, esta indifferença, augmenta a audacia e o atrevimento dos socialistas.

«Nossos adversarios descobrem-se em seus discursos, em seus escriptos, em seus *meetings*, etc. Tambem nós, tambem devemos abrir treguas a todas as concessões do respeito humano. Vêde Garcia Moreno: o corajoso presidente do Equador não conhecia o respeito humano; verdadeiro christão, verdadeiro Terceiro, protestou com toda a energia de sua alma contra a usurpação dos Estados Pontificios; consagrou a republica do Equador ao Sagrado Coração de Jesus.

«Mas para sêrmos, nós tambem, fórtes e corajosos, sejamos unidos: «a união faz a força». Frederico II da Allemanha levou a guerra á Italia. Era em 1237. Tudo cedia em presença do devastador. Mas eis que uma joven apparece, com a cruz na mão, gritando aos fugitivos e timidos: «Coragem, concidadãos, uni-vos! Segui-me, e ávante»! Era uma Terceira, S. Rosa de Viterbo, Sim, a união contem o segredo da nossa força. Unamo-nos pois, e, se a Ordem Terceira hoje realisar o pensamento de S. Francisco e de Leão XIII, a sociedade será salva.

Mas não nos contentemos com espalhar a Ordem Terceira, sejamos verdadeiros Terceiros. Préguemos com nosso exemplo, apresentemo-nos para defender os direitos da Egreja e os direitos do pobre e do opprimido, onde quer que encontremos o inimigo.

«A Irlanda foi outr'ora opprimida, como o era, ha quinze annos, a nossa querida Belgica.

«Os potentados inglezes tinham jurado encadear a liberdade d'este paiz. Levanta-se, porém, um homem, O' Connell. Profundamente convencido, diz a seus eleitores: «Enviae-me ao Parlamento, ahi defenderei a vossa liberdade e a vossa religião». A luta eleitoral era viva. No dia das eleições, via-se no meio da sala um rico *landlord;*

diz a um rendeiro irlandês: «Votareis contra O'Connell; deporeis esta cedula; quando não, sereis expulso da minha propriedade». O pobre camponez pensa em sua velha mãe, nas graves consequencias de seu voto; está quasi decidido a votar contra O'Connell, quando, do fundo da sala, brada uma voz: «Meu filho, não vos intimideis; eu, vossa mãe, vol-o, supplico, votae pela liberdade da Irlanda, votae por O'Connel».

«Irmãos em S. Francisco, no caminho da vida, não nos intimidemos. Mostremo-nos dignos successores dos Terceiros da época de S. Francisco. Sejamos corajosos, intrepidos, como esta mãe irlandêza; votemos, trabalhemos pela liberdade e pela fé da nossa querida patria. Assim nos tornaremos uteis á sociedade civil; assim serviremos, ao mesmo tempo, a causa de Deus, da religião e da patria».

Uma tempestade de palmas e acclamações acolheu tão ardente e tão enthusiastica peroração. Com a mesma animação e calôr fôram apresentados ao orador os agradecimentos pelo Padre Guardião; e em seguida felicita-o pela distincção que n'aquelles ultimos dias recebera do monarcha, a Cruz do Merito Civico. Depois exclama: «Sois um verdadeiro cidadão, um catholico intemerato; honra a vós, cuja direcção, cujos esforços téem assegurado ao partido catholico de Lokeren tantas victorias».

A oração de um Terceiro

Um bispo francez fazia não ha muito, a sua visita pastoral; movido de caridade apostolica, entrou em um hospital, acercou-se de um soldado, de avançada idade, em cujo rosto moribundo se entreviam ainda provas de seu antigo valor.

«Como estás meu filho? pergunta o Prelado com grande ternura.

— Mal, muito mal, respondeu o soldado; não duvido de que brevemente me darão baixa do serviço.

— N'esse caso, não abandoneis o serviço do Rei dos reis, e cuidae em assegurar-vos uma boa pensão.

— Assim o espero.

— Sendo militar, haveis sido sollicito em não omittir nunca vossas orações da manhã e da noite?

— Não as esqueci nunca, Monsenhor, desde que minha santa mãe, quando eu era ainda muito joven, me fez entrar na Ordem 3.ª de S. Francisco.

— Comprehendo: S. Francisco de Assis quer salvar-vos. Mas dizei-me: que orações rezaveis? Sem duvida que vossas obrigações, vossos deveres militares vos não permittiam fazel-as muito longas.

— Assim é, Monsenhor; as orações d'este pobre soldado eram muito breves.

— Quaes eram então? Sem duvida, um *Padre Nosso* uma *Ave Maria*, alguma breve oração a S. Francisco...

— Oh! Não era tanto, Monsenhor; essas eram para os dias festivos, nos quaes tinha de assistir ao Santo Sacrificio da Missa; nos dias de trabalho minhas orações eram mais curtas.

E que orações rezaveis então, nos dias em que não ouvieis Missa?

— Eram estas, Monsenhor: ao deitar-me, dizia — *Meu Deus, eu vos saúdo; vosso servo vae descançar; tende piedade de mim.* Pela manhã, ao levantar-me, dizia: *Meu Deus, eu vos saúdo; vosso servo se alevanta; tende piedade de mim. Maria, salvae-me! S. Francisco, protegei-me!*

— Deus te abençôe, meu filho. Tua oração era breve, mas Deus ouviu-a; elle te concederá o Paraizo.

Se nossos soldados imitassem aquelle fervoroso Terceiro, e rezassem ao menos aquella breve oração!...

Santa Protectora para o mez de março

Santa Francisca Romana da 3.ª Ordem. — O principal segredo de sua virtude, consistia em alliar maravilhosamente as praticas de piedade com o mais rigoroso cumprimento das obrigações de seu estado. D'ella se conta que, estando, certa occasião rezando o *Pequeno Officio de Nossa Senhora*, e sendo chamada por seu marido, acudiu logo; voltando á reza, tornou ainda a interrompel-a, para acudir de novo á voz de seu marido; ainda terceira vez recomeçou a reza e terceira vez a interrompeu, pelo mesmo motivo; e, voltando pela quarta vez a começal-a, encontrou escripta em letras de oiro a palavra onde a interrompêra. Trazia sempre vestido o Habito da 3.ª Ordem. Fazia convergir todos os seus cuidados para a boa educação dos filhos com que Deus abençoára o seu matrimonio. Depois da morte de seu marido, recolheu-se a um convento, que ella mesma fundára em Roma, onde viveu o resto de seus dias na pratica de uma austerissima penitencia e profunda humildade. Approuve ao Senhor de a provar com graves dissabôres e profundos desgostos, que ella supportou sempre com grande paciencia e resignação; por isso lhe foi concedido poder conversar muitas vezes familiarmente com seu Anjo da Guarda.

Absolvição geral

No dia 19: Festa de S. José.

No dia 25: Festa da Annunciação de Nossa Senhora.

E em toda a Semana Santa, a começar no domingo de Palmas.

Indulgencias a lucrar

Plenarias :

1 — No dia 5 : S. João José da Cruz da 1.ª Ordem.

2 — No dia 6 : S. Coleta, da 2.ª Ordem.

3 — No dia 9 : S. Catharina de Bolonha, da 2.ª Ordem.

Parciaes :

Nos dias 5, 6, 12, 13, 19, 20, 26 e 27 — 198 annos e outras tantas quarentenas.

Nos dias 4, 11, 18 e 25 — 300 dias.

Nos dias 5, 6, 9, 11, 16 e 22 — 256 annos e 50 quarentenas.

Além d'estas é concedida indulgencia plenaria como a da Porciuncula, desde as 3 horas da tarde do dia 24, até ao sol posto do dia 25, no reino de Portugal.

Virtude a imitar

Inteira pontualidade no cumprimento dos deveres do proprio estado.

Maxima

O homem pede a Deus dons sem medida e sem limites, e só quer servil-o com limites e com medida !

B. Gil de Assis.

Oração

O' Deus, que, além de muitos outros dons de vossa graça, honrastes a vossa serva Francisca com a familiar convivencia de seu Anjo Custodio, concedei-nos tambem a nós a graça de alcançarmos, por sua intercessão, a companhia dos Anjos na gloria. Por Jesus Christo Senhor Nosso. Assim seja.

SECÇÃO HISTORICA

FLORINHAS DE S. FRANCISCO

CAPITULO III

Como, por causa d'um pensamento que S. Francisco teve levemente desfavoravel á virtude de Fr. Bernardo, ordenou a este que tres vezes lhe passasse com os pés por sobre o pescoço e bocca.

DEVOTISSIMO servo de Christo S. Francisco, pela aspereza da penitencia e continuo chorar, tornara-se quasi cego, de fórma que bem pouco via. Entre outras uma vez partiu do logar onde estava e dirigiu-se aonde Fr. Bernardo, com o fito de praticar com elle ácêrca das cousas divinas. Mal ahi chegou soube que era na floresta em oração, todo enlevado e unido a Deus. Então S. Francisco dirigiu-se para a floresta e chamou-o: «Vem, disse elle, e falla a este pobre cego» : e não lhe tornou resposta alguma Fr. Bernardo, porque, como era homem d'alta contemplação, tinha a mente suspensa e arroubada em Deus. Esplendia n'elle graça excepcional ao fallar de Deus, como S. Francisco vezes sem conta verificára, por isso ardia em desejos de com elle fallar. Intervallados minutos, chamou-o segunda e terceira vez, sem que Bernardo ouvisse ; d'onde o não lhe responder, nem ir ter com elle.

D'alli se partiu S. Francisco o seu tanto desconsolado, admirando-se e lastimando-se que Fr. Bernardo, tres vezes chamado, não acudisse a seu appêlo. Caminhava revolvendo na mente este pensamento, quando voltando-se a seu companheiro, lhe disse : «Aguarda-me aqui». E afastando-se a um logar solitario, lançado em joelhos, pediu a Deus lhe revelasse qual a razão por que Fr. Bernardo não obedeceu á sua voz ; estando ainda n'esta postura humilde e devota, veio do céo uma voz, que assim lhe fallou : «Pobre homemzinho, de que estás perturbado ? Deve o homem deixar Deus pela creatura ? Fr. Bernardo era comigo, quando o chamavas ; e por isso não podia vir ter comtigo, nem responder-te ; não extranhes, pois, o seu proceder. Tão alheado de si estava elle que, das tuas palavras, nem uma sequer ouviu».

Com esta resposta de Deus, em continenti retornou S. Francisco para junto de Fr. Bernardo, a fim de se lhe accusar humildemente do pensamento que tivera em seu desabono. Vendo-o vir em direitura a si, sahiu-lhe ao encontro Fr. Bernardo, e lançou-se-lhe aos pés ; n'este passo S. Francisco o fez levantar, e contou-lhe com muita humildade o pensamento e turbação de espirito que tivera por seu respeito ; e a resposta que houvera de Deus. Depois rematou assim : «Por santa obediencia te mando que faças o que te vou ordenar».

Arreceando-se Fr. Bernardo que lhe prescrevesse alguma coisa excessiva como soia fazer, envidou altos esforços por cor-

tezmente se esquivar, e deu-lhe por fim esta resposta:

— Prompto estou a fazer-vos a vontade, se da vossa parte me prometterdes cumprir tambem o que vos preceituar.

Como S. Francisco accordasse na proposta, concluiu dizendo:

Padre, manifestae-me agora o que é de vossa vontade que eu faça.

— Eu te mando por santa obediencia, tornou-lhe S. Francisco, que, para punir minha presumpção e os impetos de meu coração, por sôbre mim, estendido por terra, passes tres vezes, pondo-me um pé sobre o pescoço e o outro sobre a bocca, e isto acompanhado de vituperios e doestos em que devem de entrar estas expressões: «Fica-te ahi por terra, desprezivel filho de Pedro Bernardoni! D'onde te vem tanta soberba, sendo tão vil creatura?»

Fr. Bernardo, ainda que entranhadamente lhe pungia a alma cumprir ordem tal, comtudo por santa obediencia poz em pratica o mais geitosamente que pôde quanto S. Francisco lhe prescrevera.

Isto feito, disse S. Francisco: — Agora bem pódes mandar-me fazer o que fôr de teu agrado, que a isso estou obrigado por obediencia.

— Por esta celestial virtude te mando que toda a vez que estivermos juntos me reprehendas e corrijas asperamente de meus defeitos.

S. Francisco ficou sobremaneira maravilhado, porque o seu Fr. Bernardo era varão de santidade tamanha que lhe incutia profunda reverencia, e não o reputava reprehensivel em quer que fôsse; d'alli para o diante evitava dar largas á conversação com elle, por que não lhe viesse a succeder soltar alguma expressão de censura a quem elle sabia tão virtuoso. Mas quando o empuchava desejo grande de vêl-o e ouvil-o, fazia-o de levante dando-se pressa em distanciar-se e partir.

E era coisa devotissima de vêr com quanta humildade, reverencia e caridade o glorioso S. Francisco fallava com Fr. Bernardo, seu filhinho primogenito! O que tudo seja para gloria de Jesus Christo e do pobrezinho Francisco. Amen.

CAPITULO IV

Como um Anjo de Deus propõe uma questão a Fr. Elias, guardeão d'um convento do Valle d'Espoleto. — Resposta inconveniente e orgulhosa d'este. — Parte, por isso o Anjo em peregrinação a S. Thiago. — Encontra pelo caminho Fr. Bernardo a quem narra esta historia.

ILL.mo E EX.mo SNR. TENENTE-CORONEL JOSÉ FERNANDO DE SOUSA (NEMO)

No principio da Ordem, quando eram poucos os frades e pouquissimos os conventos habitados, S. Francisco por impulso de devoção dirigiu-se em peregrinação a S. Thiago da Galliza, e levou comsigo uns tantos frades, um dos quaes era Fr. Bernardo. Deparou-se-lhes n'uma terra um pobrezinho enfermo. S. Francisco, entrado de compaixão disse para Fr. Bernardo: Filhinho quero que fiques aqui cuidando d'este enfermo; e Fr. Bernardo joelhando humildemente, inclinada a cabeça recebeu a obediencia do Santo Padre, e ficou n'aquelle logar, proseguindo S. Francisco e demais companheiros para S. Thiago.

Tendo ahi chegado e estando de noite em oração na egreja do Santo, foi por Deus revelado a S. Francisco que devia de occupar muitos logares pelo mundo, porque a sua Ordem propagar-se-ia e cresceria com uma multidão grande de frades. E d'harmonia com esta revelação começou a povoar algumas casas n'aquellas regiões. Tornando S. Francisco pelo caminho que para ahi levara, foi encontrar-se com Fr. Bernardo e com o enfermo que lhe fôra confiado, já perfeitamente guarecido. A titulo de premio, concedeu, no seguinte anno, a Fr. Bernardo que fizesse tambem a peregrinação a S. Thiago. S. Francisco recolheu ao Valle d'Espoleto. Estavam ahi em

logar deserto elle, Fr. Maceu, Fr. Elias e outros, os quaes todos se guardavam de perturbar ou estorvar S. Francisco da oração; e isto faziam-n'o elles pela reverencia entranhada que lhe consagravam e porque sabiam que Deus lhe revelava coisas altamente importantes em suas orações.

Succedeu um dia que, estando S. Francisco em oração na matta, um mancebo gentil, trajando á guisa de viajante, veio á portaria, e bateu tão depressa e rijo, e por tanto tempo que os frades ficaram muito admirados de tão insolito bater. Acudiu Fr. Maceu, abriu a porta e disse ao joven:

— D'onde vens, filhinho? certo ainda aqui não vieste, attento o modo desusado de bater á porta?

— Então, como é de uso bater?

— Bate tres vezes, retorquiu Fr. Maceu, espaçadamente umas após outras; depois espera que o irmão porteiro diga a nosso Padre e venha ter comtigo: se n'este intervallo de tempo não vier bate outra vez.

— Não m'o soffre a pressa, por isso bati assim de rijo; tenho uma viagem a fazer e vim aqui para fallar a Fr. Francisco; mas é agora na matta em contemplação, e não o quero estorvar; mas vae e dize a Fr. Elias que lhe quero fazer uma pergunta, porque entendo que é muito sabio.

Fr. Maceu foi, e communicou a Fr. Elias o desejo do joven, e elle todo se escandalisou e não quiz ir; n'estes apuros Fr. Maceu não sabe que fazer, nem que resposta levar ao joven: porque, dizendo que Fr. Elias não podia fallar-lhe, mentia; dizendo que se havia tomado de colera, temia-se do mau exemplo.

Emquanto Fr. Maceu estava n'estas trepidações d'animo, o joven bateu á portaria como da primeira vez, e, volvidos instantes, tornou aquelle e disse-lhe:

— Desaproveitaste a lição que te dei no tocante ao bater á porta.

— Bem sei que Fr. Elias me não quer ouvir — replicou o joven — mas vae e dize a Fr. Francisco ao que vim; como não o quero impedir da oração, que me mande aqui Fr. Elias.

E então Fr. Maceu foi á presença de S. Francisco que orava na matta com o rosto levantado ao céo, e referiu-lhe o que se passára, e a resposta de Fr. Elias.

(Aquelle joven era Anjo de Deus em fórma humana).

S. Francisco sem mudar de logar, nem abaixar o rosto, disse a Fr. Maceu: Vae dizer a Fr. Elias que immediatamente se dirija á portaria a fallar com esse joven. Fr. Elias, recebendo a intimação de S. Francisco, endereçou-se á portaria de muito má catadura, abrindo-a com desapoderado impeto e estrondo.

— A que vens? bradou ao joven.

— Defenda-te Deus de soltar bridas á indignação como parece fazeres — observou o joven — porque a ira perturba o ánimo, e depois empece descernir a verdade.

— Vamos! o que pretendes de mim? Reconveio aquelle.

— Pergunto — obtemperou o joven — se ao cumpridor do Santo Evangelho é licito comer do que se lhe apresenta conforme a palavra de Christo a seus discipulos; e pergunto mais, se é licito a quem quer que seja apresentar qualquer cousa contraria á liberdade evangelica.

— Demais o sei eu — volveu Fr. Elias com sobrecenho — mas não é para te responder; segue teu caminho!

— Mais acertadamente do que tu dizo o não farias, posso eu responder a esta questão; ponderou o joven.

N'isto Fr. Elias entrado d'ira fechou furiosamente a porta e partiu. Depois, serenando entrou de pensar na questão proposta, e a duvidar de si para comsigo e achou que a não sabia solver; porquanto era Vigario da Ordem e tinha ordenado e formulado em constituição, além do Evangelho e Regra de S. Francisco, que frade algum na Ordem ousasse comer carne; de maneira que estes quesitos visavam expressamente o seu proceder. Pelo que, não atinando em esclarecer-se e ponderando a modestia do joven e que dissera que com muito acerto sabia responder á questão, tornou á portaria para ouvir o joven sôbre o assumpto que já lhe pesava na consciencia; porém já por alli não era, porque á soberba de Fr. Elias não diziam bem colloquios d'anjo.

Isto passado, S. Francisco, a quem tudo havia sido divinamente revelado, recolheu da matta e, em altas vozes reprehendeu Fr. Elias, dizendo: «Mal te vae, soberbo Fr. Elias, que afugentas de nós os anjos santos, os quaes véem para nos ensinar. Muito e muito me arreceio de que essa tua soberba não vá dar comtigo fóra d'esta Ordem».

E assim veio a succeder como S. Francisco havia dito: porque realmente morreu fóra da Ordem.

N'aquelle mesmo dia e mesma hora, appareceu o Anjo — e da mesma fórma — a Fr. Bernardo que, de volta de S. Thiago se achava á margem d'um grande rio. Saudou-o em sua propria lingua dizendo: Deus te dê sua paz, bom frade! O bom do Fr. Bernardo, attentando todo embevecido na belleza do joven e surprehendido de ouvir fallar a patria lingua, depois de lhe endereçar com alegre aspeito a mesma evangelica saudação, perguntou-lhe:

— D'onde vens gracioso joven?

— Do Valle d'Espoleto — acudiu o mancebo — onde está S. Francisco, a quem não pude fallar como desejava, porque estava na floresta a contemplar os divinos mysterios, e não quiz interrompel-o. São tambem n'aquelle logar Fr. Maceu, Fr. Gil e Fr. Elias; Fr. Maceu industriou-me no modo de bater á porta á maneira dos religiosos. Fr. Elias, por não ter dado resposta ás perguntas que lhe fiz, ficou muito pesaroso, tornando por isso á portaria para ouvir-me e vêr-me, o que não conseguiu todavia. Depois accrescentou: porque não passas para a margem d'além?

— Porque me faz medo o impeto da volumosa corrente que vejo ante mim — observou Fr. Bernardo.

— Passemos dadas as mãos — volveu o anjo — nada de trepidar; e pegando-lhe da mão, n'um volver d'olhos o poz da outra margem. Então conheceu Fr. Bernardo que era um anjo de Deus o que se lhe apparentava joven, e com reverencia summa e jubilo disse em alta voz:

— O Anjo bemdito, dize-me o teu nome!

— Porque desejas saber meu nome, se é maravilhoso?

E n'isto desappareceu, deixando Fr. Bernardo banhado de consolação tamanha que toda a viagem se lhe tornou ligeira e deleitosa.

Chegando ao logar onde estava S. Francisco com seus companheiros, relatou-lhe por meudos tudo o que passára, e vieram ao conhecimento de que era o mesmo anjo o que lhes apparecera em identico dia e hora.

(Continúa.)

Pensamentos

Façam o que quizerem: em quanto se não cuidar effectivamente na educação da plebe, assim politica como religiosa, verão sempre perpetuada a cadeia das desordens, que desafiam a nossa magua: porque emfim é grande loucura esperar que venha a ser melhor a geração futura, se lhe não fornecermos outros recursos que não teve a nossa.

D. Fr. Caetano Brandão.

Considero as dignidades como algumas syllabas mais para um epitaphio Se o homem ha-de ficar soterrado debaixo das inscripções da campa, onde ha n'isto motivos de vaidade?

O Papa Ganganélli.

O melhor livro de moral é a consciencia; mas nenhum ha que menos consultado seja.

Todas as outras leis, que necessariamente tem reinado sobre a terra, condemnaram os crimes, mas a sua acção não ia mais além. E que auctoridade tinham ellas para prohibir? — A lei de J. Christo tem outra amplidão: prohibe não só o peccado mas quanto a elle possa conduzir. E' lei collocada á entrada do coração, como inflexivel guarda, que repelle até mesmo a idéa de peccar. Quem foi pois, o assombroso legislador que usou dar leis ao pensamento? Que outro, que não fôsse Deus podia dictar este admiravel preceito — *Não desejarás?*

Luzerne.

Desgraçado, desgraçado do atheu! Ralado pela fome e pela sêde, busca alimento, busca o leite que amamenta todas as creaturas; mas no meio do tenebroso vacuo, aonde se atirou, não alcança nem comprime senão os peitos áridos da morte.

Lamennais.

Sôam porque montam e valem, emquanto vivos os grandes, mas a memoria, que d'elles fica em acabando, o propheta a comparou ao rasto ou signal, que o som no ar deixa depois que passa.

P.e Lucena.

ANECDOTAS

Passeando Henrique IV por uma das galerias do Louvre, deparou com um desconhecido, que contemplava as obras de arte, e travando conversação com elle, perguntou-lhe se estava ao serviço d'um grande da côrte.

— Não sirvo a outro senhor que a mim mesmo, respondeu com orgulho o desconhecido.

— Pois então, concluiu o monarcha, sempre tendes um amo muito estupido.

Um segador pede trabalho.

— Sou homem que nunca me canço, dizia elle.

Meia hora depois vae o dono da seara vêr em que pontos iam os trabalhos, e encontra o cegador deitado.

— Que é isto? já estaes a dormir? Não dizeis vós que nunca vos cançaveis?

— E' verdade, sim senhor: não canço facilmente porque me encosto de vez em quando. D'outra sorte tambem cançaria como os outros.

✦

Em 1868 abriram os protestantes uma capella n'uma cidade do reino visinho, e aconselharam seus adeptos que levassem lá todos os seus filhos para sêrem baptizados, o que effectivamente algumas mulheres praticaram.

Entre estas apresentou-se um dia uma, levando nos braços uma creatura de Deus coberta com um pequeno véo. Mandou-a descobrir o ministro para lhe deitar a agua, mas qual não foi a sua surpreza dando com um pequeno macaco!

— E' isto que hei de baptizar? Aqui só se baptisam racionaes.

— Para racionaes, disse então a mulher, tenho lá a parochia. Aqui como não se faz mais que arremedar, grande honra é baptizar macacos.

✦

No claustro do mosteiro do Carmo em Lisboa, via-se n'uma campa o epitaphio seguinte:

Aqui jaz Pedro Cegú
Que teve muito dinheiro,
E por amigos ficou nú:
Eil-o aqui jaz sem dinheiro.

E defronte do altar mór:

Esta é uma sepultura,
E debaixo d'este penedo
Está Antonio de Macêdo
Em pó e cinza escura.
Foi fidalgo muito nobre,
Rico abastado do mundo,
Emfim que cá deixou tudo,
E aqui está muito pobre.

E' de seus herdeiros. Falleceu na era de MDLXV annos.

✦ Leituras amenas ✦

OS COELHOS DE S. DIOGO

QUANDO, em dias que já lá vão, eu percorria, ávido de impressões, esses archivos e bibliothecas, desempoando aqui amontoados, bolorentos e mal cheirosos pergaminhos, resuscitando acolá do seu abandono obesos infolios, meio roidos da traça e a desconjuntar-se de velhos, tomando sempre apontamentos para os meus trabalhos litterarios, dei um dia em certa livraria — era a officicina de um fogueteiro — com um calhamaço, d'esses de ajoujar, impresso com aquella formosa clareza, aceio e simplicidade antigas, já sem capas, meio frontespicio comido, e convertida em viveiro de traças a outra metade, na qual, ainda assim, consegui lêr ou decifrar o seguinte:

«*Cro(n)ica da O(r)dem de Nosso Serafico Padre S(a)n Fran(cis)co* e... o resto estaria no estomago dos ratos e das traças; não pude adivinhar o que dizia.

Decifrar metade d'esse titulo-frontespicio e estremecer-me o coração, foi obra d'um instante.

— *Eureka!* Dei com um thesoiro! — murmurei entre dentes; é impossivel que não haja aqui muita coisa rara, original, deliciosa.

— Olhe lá, mestre: quer desfazer-se d'isto?

— Com muito gôsto, senhor; se me dá para comprar o dôbro de papel para embrulhar bombas, está o negocio feito.

— Quanto vem a ser isso?

— Ahi.... dois patacos, o dôbro do custo.

— Tome lá dois tostões, e mande-me levar isso á rua de ***

— Será servido como deseja. Mas leve mais, senhor...

— Hoje basta-me isto. Voltarei outro dia, que não me desagrada a sua officina.

E não esperei por mais nada; satisfeito e contente, que nem os rapazes quando estreiam barrete novo, saí logo atraz do official de fogueteiro que me levava o meu thesoiro. Chegando ao meu escriptorio, tratei de sacudir o pó ao monumental infolio, pondo em debandada o enxame de sevandijas, que largavam a pousada amaldiçoando minha sacrilega temeridade; e ia dizendo de mim para comigo: verás quantas coisas deliciosas tens a saborear a troco d'uns miseraveis dois tostões. S. Francisco foi o mais inspirado poeta da Umbria; dotado d'um estro divino, fez vibrar em magicos accentos a lingua italiana, a que melhor expressa os encantos e doçura do sentimento e da natureza. Esse fôgo sagrado herdaram-n'o os filhos do Seraphim de Assis, e assim é

indubitavel que hei de encontrar aqui poesia, inspiração, manifestações surprehendentes d'esse mystico naturalismo e realismo da innocencia.

E é que me não enganei.

Succedeu-me tal qual eu suppunha.

Vinte e quatro annos lá vão já, após o meu ditoso achado; ha muito serão já mortas as traças que eu obriguei a debandar em procura de novo abrigo; morreu tambem o fogueteiro, que tantas perolas de nossa antiga litteratura arrojou ao ar, a dissiparem-se no espaço convertidas em fumo; eu porém conservo ainda bem gravadas na alma e no coração mil scenas encantadoras, que, n'aquelle ditoso infolio, roubei aos vermes destruidores, á industria do pyrotechnico e á mesma acção destruidora do tempo.

Vá uma, para exemplo, de entre tantas. Trazia a seguinte epigraphe: — *S. Diogo sendo hortelão no convento de Alcalá de Henares, castiga a uns coelhos que lhe comiam as alfaces dos religiosos, e faz com que abandonem a horta para sempre —;* titulo que, de si, diz bastante; mas eu quero consignar o modo como S. Diogo penitenciou os irracionaes Repito que são passados vinte e quatro annos, e advirto que já não mora em meu poder o curioso infolio, que teve a honra de passar a melhores mãos; não me é possivel, por isso, acompanhar fielmente a letra da chronica, mas serei fiel em reproduzir o fundo historico, encerrado no mencionado titulo.

*

S. Diogo, affirmava o livro, era um varão de extatico espirito, que possuia um coração de continuo abrazado nas chammas intensas d'aquelle amor divino que anceia o silencio da solidão, para desafogar-se do vulcão de affectos que esse amor accende no peito que o possue. Para conseguir essa desejada solidão, o Santo, quando morador em Alcalá, escolheu voluntariamente o officio de hortelão, pois sobre humilde que é e estar relacionado com mil objectos, as sementes, as plantas, a rega, as flôres, os fructos, etc. coisas que elevam ao céo as almas contemplativas, — tinha para S. Diogo singular attractivo, poisque, em tal mistér, servia elle d'um modo particular aos evangelicos obreiros da vinha do Senhor, proporcionando-lhes o alimento e regalo do corpo em troca do pão da divina palavra que distribuiam ás almas.

Succedeu pois que, entre as muitas plantas que na horta cultivava, a uma tivesse o bemdito Santo singular affeição, pelo muito que a seus religiosos agradava. Eram alfaces, que deviam de ser boas, pois os coelhos tanto se lhes affeiçoaram que não passava noite em que não as provassem, deixando-as—claro está—incapazes de servirem para o uso a que o Santo as destinava.

Muito pesar lhe dava isto, pois sabia o appetite com que no verão as comiam os religiosos. Por outra parte não se atrevia a suspeitar — tanta era sua ingenuidade! — que fôssem animaes creados por Deus os que aos servos de Deus tanto damno causavam. Os frades, porém, lhe repetiam mil vezes que eram os coelhos os auctores d'aquelle attentado; quiz o Santo convencer-se d'isso, para, caso fôsse verdade, lhe pôr o devido remedio.

E assim foi que, em virtude da faculdade que tinha para ficar-se pela noite no horto em oração e contemplação, se poz uma noite a orar junto do canteiro onde tinha as alfaces, á espreita de quem fôsse o ratoneiro; quando mais embevecido estava, sendo já entrada a manhã, sentiu junto de si um leve rumor; levantou-se, e, em attitude de poder alcançar d'um só lance de olhos toda a horta, deu vozes aos ladrões. Os coelhos, que as ouvem, convencidos de que não estão sós, precipitam-se em debandada pelos quatro angulos da horta, procurando evadir-se ao perigo que aquellas vozes implicavam.

— Ah, ladrões! A'manhã volvereis!... Eu vos espero...

No dia seguinte não faltaram. A's vozes do Santo intentaram evadir-se outra vez; mas não lhes valeu sua muita agilidade e presteza, pois elle, em nome de Deus lhes mandou que se detivessem.

— Irmãosinhos! — lhes bradou ao vêl-os correr espavoridos. Irmãosinhos! alto ahi: venham cá... para dizer a sua culpa e receber a penitencia por tanto mal!

Pobres creaturas de Deus! Como envergonhados e corridos, vieram todos a um e um, á presença do Santo, e se prostraram a seus pés, como quem ainda n'elle reconhecia o rei da creação!

Haviam de ser uns cinco ou seis; quan-

do os teve a todos reunidos, e em attitude de implorar perdão; tratou, em termos severos, de convencêl-os n'um longo discurso, de que haviam obrado mal, tornando-se merecedores de grande castigo. «Não julgava eu, irmãosinhos, que tão ingratos havieis de ser a vosso Deus e Creador, que o é tambem dos pobres Filhos de S. Francisco; nem poderia conceber que tão desattentos chegariam a ser uns pobres coelhinhos com os Ministros do Altissimo, que hão de mistér o alimento e regalo do corpo, a fim de poderem repartir ás almas de Jesus Christo os alimentos e regalos do espirito».

— Não sabias tu isto? — dizia a um d'elles, puchando-lhe as orelhas.

E o animal gemia lacrimoso, como para responder: *Não... Padre.*

— Pois todos deveis saber que os religiosos téem necessidade da salada, e que a mim me custava muito trabalho o cuidal-a. Quão pouca é vossa consideração!

*

Entretido em tão sérias reflexões estava o Santo, quando chegaram o cosinheiro e refeitoreiro, com outros officiaes do convento, buscando o hortelão, para que lhes désse o necessario a seus respectivos mistéres. Estupefactos se ficaram ao vêl-o rodeado d'aquella pequena familia montezina, que tão attenta o ouvia.

— O' Fr. Diogo! e estes coelhos?...

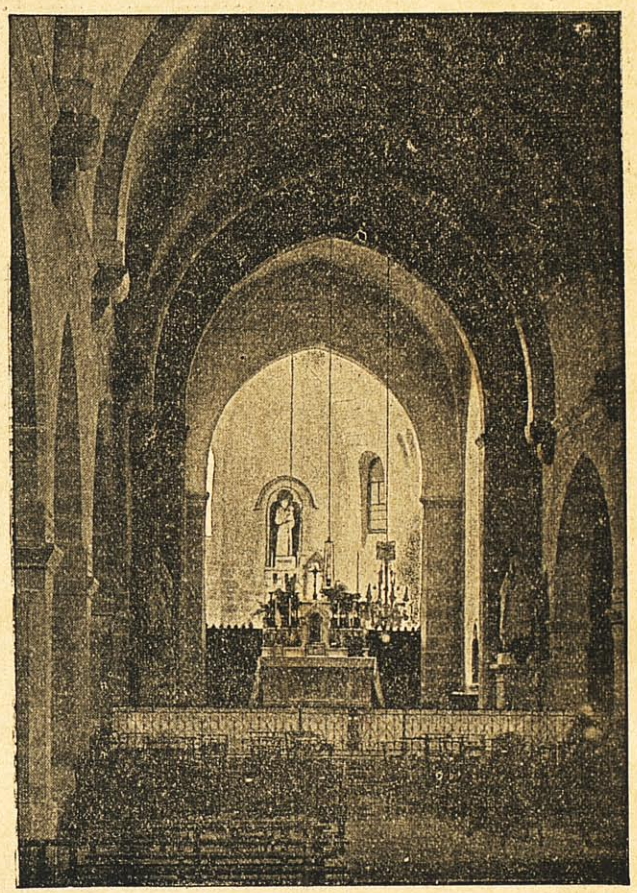
— Estes irmãosinhos, replicou o Santo, commetteram um muito grave peccado os dias passados, e hoje, posto que de má vontade, véem a receber penitencia; e certo que lh'a hei de impôr bem grande...

— Em alguma coisa ha de sempre manifestar-se a sua muita simplicidade, irmão hortelão; deixe-se de penitencias a irracionaes, que d'isso nada entendem e não as hão de cumprir. O melhor será que paguem com a vida, e, já que na horta do convento engordaram, na cosinha do convento vá luzir a sua gordura.

— Por fé minha, acudiu o cosinheiro, que os religiosos de melhor vontade comeriam os coelhos do que as alfaces; e com estes seis, irmão, eu me comprometto a fazer coisa chibante. Vamos: com elles ao sacco...

E, dizendo e fazendo, no sacco ia a metter já o que mais lhe ficava á mão, se o pobre animalzinho, não houvera corrido a refugiar-se detraz do Santo, escondendo-se nas faldas do habito. Fr. Diogo o tomou nos braços, e volveu aos officiaes:

— Matal-os... não! Tal não fará nunca este filho de S. Francisco; seu peccado não merece tão grande pena. Comeram as alfaces, mas eu os hei de castigar e elles não volverão mais; não é verdade?... (di-



O ALTAR-MÓR DA EGREJA DE SANTO ANTONIO EM BRIVES (FRANÇA)

zia volvendo-se aos coelhos). Pois bem: aguardae aqui, emquanto vou a despachar aos irmãos, e prestes serei logo a despachar tambem os amigos das alfaces.

Passaram como dez a quinze minutos, e já o hortelão estava de volta, entre os penitenciados, que juntos o esperavam sem mover-se do logar onde os deixára o Santo.

— Vamos á disciplina, disse sentando-se no meio d'elles. Já... Vamos....— Qual ha de ser o primeiro? Vem tu, meu velhaco, pois és o maior, e certamente com teu mau exemplo ensinaste aos demais a praticar tão feia acção; anda, que aqui está o látego para o castigo.

E, levantando-o no regaço e tomando o cordão: *trás tris... trás tris... trás tris...* lhe descarregou seis pequenos açoites, não sem dizer-lhe juntamente que era um ladrão, um malfeitor, um tratante, desobediente e inconsiderado, com outros improperios do estylo.

Os outros que ouviam os estalidos do cordão, e viam o encolhimento e tremor com que seu companheiro no crime recebia a penitencia, tremiam tambem, e deixavam escapar umas sentidas vozes e gemidos, aguardando o fatal momento. De feito: S. Diogo, castigado já o primeiro, o poz de parte, e ia já a tomar o segundo, quando aquelle... pés, para que te quero... desata em vertiginosa corrida a pôr-se em salvo do contacto da funesta corda.

— Alto!... alto!... volta aqui, meu tratante! — bradou o Santo. — Como se entende isso?!... Querias então ficar-te só com a penitencia!... E a promessa de mais não voltar ás alfaces?... Já a fizeste, porventura?... Com que então, não querias dar a tua palavra! Pois aguarda ahi, que irás com os outros; e antes d'isso, eu te imporei o preceito: pobre de ti se o quebrares!

Um e um fôram os demais recebendo os seis açoites, e ouvindo da bocca do penitenciario eguaes queixas e doestos, pelo mal que na horta haviam causado. E, terminada a solemne disciplina, S. Diogo se levantou, e, em tom sério e muito grave, do seguinte modo lhes fallou:

«Já estaes castigados, irmãosinhos, e não tanto como merecieis, pois bem vistes como vos queriam matar; mas, por isso mesmo, quero eu que de hoje em diante sejaes bons e comedidos, e não molesteis, com vossas rapinas, aos servos do Senhor; e, para que isto sempre tenhaes presente e nunca o esqueçaes, eu agora, em nome de Deus e da Virgem Senhora sua Mãe, vos mando por obediencia e para sempre, que nem vós, nem vossos companheiros, nem vossos filhos, nem os filhos de vossos filhos, ouseis nunca jámais a entrar na horta dos filhos de S. Francisco».

Fôram-se os coelhos, muito envergonhados e corridos; e rezava a Chronica ser fama corrente em Alcalá de Henares, que, emquanto no Convento viveram frades, não voltaram mais á horta os coelhos.

S. R.

CULTO DE S. ANTONIO

Pedido. — Aos Reverendos Directores diocesanos e locaes da Pia União rogamos encarecidamente queiram remetter com a maxima urgencia a este centro nacional, noticia tanto quanto possivel circumstanciada do movimento da Pia União e Pão dos Pobres, nos respectivos centros commettidos a seus cuidados, durante os dois passados annos de 1897 e 1898. E' esta uma condicção expressamente exarada nos respectivos diplomas de aggregação: não se póde preterir o seu cumprimento, sob pena de nos ser impossivel enviar a Roma o relatorio circumstanciado e completo da nossa obra em Portugal.

Acceitaremos tambem com gratidão quaesquer outros esclarecimentos sôbre o *Pão dos Pobres* ou, em geral, sôbre a devoção a Santo Antonio, nos logares onde não esteja ainda canonicamente erecta a Pia União, uma vez que esses esclarecimentos procedam de pessoa de inteira confiança.

Por esta occasião advertimos que, de presente, não temos disponivel nenhum diploma para novas erecções de centros da Pia União, e por este motivo não podemos satisfazer alguns pedidos que nos téem sido feitos. Já os requisitamos ao centro primario, em Roma, e crêmos não tardarão.

Toda a correspondencia ao R. P. Director Nacional da Pia União. Montariol — Braga.

PORTUGAL

Novos membros da Pia União

Inscriptos depois de publicado o numero passado:

Diocese de Lisboa	44
Ericeira	40
Senhor Jesus do Carvalhal	4

Diocese de Braga		88
Serzedêlo	20	
Rendufinho	13	
Castellões	26	
S. Miguel do Monte	2	
Thaide	8	
Villela	2	
Sobradello	7	
Parada de Baixo	1	
Diocese de Coimbra		33
Borralha	33	
Associados do numero passado		127:177
Total dos associados		127:342

BRAGA

Em janeiro entraram no cofre de Santo Antonio 102 cartas: d'estas, 78 pediam varios favôres e 24 davam, por mercês recebidas

GRAÇAS A SANTO ANTONIO

Agradece-se ao bom Santo o exito feliz d'um negocio, para o qual foi invocado o seu valimento e patrocinio.

— Meu glorioso S. Antonio, venho cumprir a promessa que fiz de publicar a graça que me concedestes; eu vol-a agradeço muito penhorada e peço-vos continueis derramando sobre mim as graças de que eu tenho necessidade, sobre tudo a de uma santa morte nos braços de Jesus e Maria. — Uma vossa devota e afilhada — *L. V. B.* — Porto.

— Meu glorioso S. Antonio, venho agradecer-vos a graça que me fizestes no dia 8 de dezembro. Estando meu caro pae quasi agonisante e já não havendo esperanças que melhorasse, pedi á Virgem da Conceição que em honra de Santo Antonio permittisse que meu pae recuperasse saude promettendo juntamente publicar na *Voz* este grande milagre. E como alcancei o que desejava venho cumprir minha promessa. — Uma devota de S. Antonio — *M.*

— Andava eu em viagem com o exc.mo snr. arcebispo da Bahia, e como se perdesse um objecto seu, de valor, que estava sob minha guarda, invoquei a S. Antonio e entre outras promessas fiz a de publicar esta noticia na *Voz de S. Antonio*. No mesmo dia me foi entregue o objecto. Mil graças a S. Antonio. — Bahia, 31 de março de 1898. *Conego A. M.*

— Meu glorioso S. Antonio, de novo venho aos vossos pés para vos agradecer a graça que me alcançastes de Deus, de me restituirdes a minha saude que tinha perdido. Venho tambem cumprir a promessa que vos fiz para o Pão dos vossos pobrezinhos, e agora, meu glorioso Santo peço-vos que peçaes a Deus me faça digna de vos gozar no céo. Assim seja.

— Meu glorioso S. Antonio, desculpae-me a demora que tive em cumprir a promessa que vos fiz, mas vós, meu querido protector, bem sabeis as causas. Agradeço-vos do intimo do meu coração o favor que me fizestes, ficando approvado no 2.º anno de theologia e o outro que vos pedi. Ahi vos remetto os 500 réis que vos prometti e peço-vos, meu querido Santo Antonio, que continueis a proteger-me que eu nunca me esquecerei de vós. — Famalicão — *H. A.*

— Meu glorioso S. Antonio, peço-vos perdão da demora que tenho tido em corresponder ao vosso beneficio e á promessa que vos fiz e que ha mais de seis mezes não satisfiz, dando a esmola de 500 rs. para os vossos pobrezinhos. Vindo hoje sem contar a esta cidade e lembrando-me que ainda não tinha satisfeito, venho cumpril-a ainda que mal, do que vos peço desculpa. Sou todo vosso no Coração de Jesus. — *A. de B.*

— Oh glorioso S. Antonio, eu vos agradeço o terdes dado saude á minha filha. Aqui vos remetto 500 réis que vos prometti, e vos peço que a abençoeis e continueis a dar-lhe saude, que vos prometto de nunca me esquecer de vós. — *R. A.*

— Oh S. Antonio bemdito, valestes-me na minha afflicção, dando saude á minha filha que se achava doente. Eu vos agradeço e vos envio o que vos prometti. — *E. P. F.*

— Glorioso S Antonio, aqui vos remetto a quantia de 500 réis que vos prometti para o Pão dos vossos pobres, em reconhecimento das melhoras da minha esposa. — Braga — *B. G. S.*

— Oh meu padre S. Antonio, eu vos agradeço o favor que me fizestes, em fazer que meus filhos ficassem approvados nos seus exames, por isso vos offereço a esmola de 1$000 réis, e peço-vos que os ajudeis para o futuro.

— Meu bom S. Antonio, agradeço-vos muito a graça que me concedestes. Aqui vos trago o que vos prometti para o Pão dos pobrezinhos.

— 2$000 reis em ouro e uma libra tambem em ouro offerecidos por uma devota muito grata ao glorioso S. Antonio para o Pão dos seus pobres. Muito obrigada querido Santo por tantos favores.

— 25$000 réis, promessa feita a S. Antonio por escapar de uma molestia grave.

— Para o Pão de S. Antonio, em cumprimento d'um voto 10$000 réis.

— Pede-se para ser publicado na *Voz de S. Antonio* um agradecimento por um milagre feito pelo mesmo Santo, como foi promettido.

— Rev.º Padre S. Antonio, agradeço-vos o milagre que me fizestes e peço-vos me perdoeis a demora. Tambem já cumpri o que vos prometti, como vós bem sabeis. Agora peço-vos, me alcanceis da Virgem Santissima a graça, de eu e aquellas pessoas, que vós sabeis, fazermos as nossas confissões bem feitas, de modo que sejam agradaveis a Deus e vivamos tão puros, que depois da morte vamos gozar de Deus por toda a eternidade. — *Uma vossa devota.*

—... Incluso envio 2$500 réis da promessa d'aquella esposa que o anno passado enviou egual quantia, promettendo dal-a todos os annos se o marido tivesse melhoras e não fôsse necessario operar-se O nosso bem amado Santinho attendeu-a, e, por minha intervenção, envia essa quantia. Uma outra esposa envia 500 réis, porque o marido passa bem presentemente, havendo estado o anno passado muito mal, e prometteu diante da imagem de Santo Antonio aquella esmola, vindo hontem entregar-m'a com muito prazer.

Vão mais outras esmolinhas de diversos agraciados a quem Santo Antonio tem attendido em tudo que lhe pedem. — Somma a conta das esmolas recebidas: 5$000 réis *Bragança: T. J. J.*

GRANJA

Meu glorioso e grande Santo Antonio, ve-

nho agradecer-vos muito reconhecido as grandes graças que me alcançastes da Divina Misericordia e publical-as no vosso jornal (como vos prometti). Uma foi a cura de uma pessoa de familia; outra o livrar tambem uma pessoa da familia, da epidemia que a rodeava; o livrar-me e ás companheiras, das companhias que tão prejudiciaes nos seriam, e mais a de livrar aquella pessoa dos encommodos da justiça, que lhe podia causar aquelle falso testimunho. Ai meu querido Santo, como me tendes sempre attendido em minhas afflicções! sêde sempre bemdito e continuae sempre a proteger esta de todas as vossas devotas a mais indigna. — *E. C. T.*

— Receberam-se 30$500 réis para o pão dos pobres, pelas seguintes graças:

«... por permittir que minha irmã doente viesse a casa da mãe; por haver escapado d'um ataque uma pessoa de minha amizade; por se me haver deparado um dinheiro; por um meu sobrinho haver escapado d'uma operação muito difficil que fez; e por haver um animal escapado d'uma molestia grave que teve». — *D. E. A. C.* e *D. J. F.* (Fraga).

— Envio 1$300 réis para o pão dos pobres de Santo Antonio bemdito. Fazei o que vos peço, meu Protector e milagroso Santo, pois só em vós confio, para me acudirdes e valerdes nas minhas afflicções, como sempre me tendes attendido despachando as minhas petições em meu favor. Despachae estas duas que vos faço, meu milagroso Santo, que eu vos fico dando para sempre 2$000 réis por anno. — *Uma vossa devota.*

LISBOA

CENTRO DOS ANJOS

Mercê de Deus, os nossos exercicios têem sido sempre feitos como de costume e com fervor, e em todas as terças-feiras se distribuiu *o pão* aos pobrezinhos depois da *prática* do costume.

No mez de dezembro o *cofre* das esmolas rendeu 19$000 e no de janeiro 31$000.

No cofre das *petições* havia 20 cartas pedindo diversas graças, e no dos *agradecimentos* 15 agradecendo differentes beneficios. Eis algumas de

ACÇÕES DE GRAÇAS

Meu bom Santo Antonio. Agradeço-vos o terdes-me feito encontrar o sacco de roupa de *valor* que perdi quando voltava de Peniche para Lisboa. Ahi vos entrego a esmola que vos prometti. — *A.*

— Meu glorioso Santo Antonio. Aqui vos entrego a esmola que prometti pelo bom exito do exame dos meus tres discipulos e vos agradeço. Continuae a proteger-me e abençoae e vigiae o meu collegio. — *P. C.*

— Bom Santo Antonio. Aqui venho lançar no vosso cofre a esmola de 500 réis que prometti para o pão dos vossos pobres, e agradecer-vos o beneficio que me alcançastes fazendo que o meu negocio fôsse resolvido só pelo juiz não sendo precisa a habilitação, poupando-me por este motivo muito trabalho e grande despeza. — *M. de S. A.*

— Meu querido Santo Antonio. — Perdoae-me a grande demora em cumprir a minha promessa; agradeço-vos muito a graça alcançada e rogo-vos que peçaes a N. Senhor que m'a conceda sempre até ao fim da minha vida. Remetto-vos a esmola promettida para os vossos pobrezinhos, e virei agradecer-vos e dar-vos a mesma esmola todos os mezes por espaço d'um anno. Não vos esqueçaes de mim — *Uma filha de S. Francisco.*

— Glorioso Santo Antonio. — Agradeço-vos o favor que me fizestes hoje 2 de janeiro e venho dar-vos a esmola que prometti de 1$200 réis para o pão dos vossos pobrezinhos; continuae a proteger sempre o meu filhinho que eu prometto dar-vos d'aqui a um mez mais 1$000 réis para os vossos pobres. — *Uma filha de Maria.*

Pede-se 2 A. M. por duas necessidades, e que roguem pelos nossos associados defunctos.

LEIRIA

N'este mez fez-se a reunião dos devotos e pobres de Santo Antonio, segundo o costume. Depois de se rezar a corôa de Nossa Senhora e a Ladainha com a maior reverencia, bem como a oração indulgenciada de S. José, rezaram-se varias orações a Santo Antonio para o louvar pelos beneficios que fez e continúa a fazer, e pedir-lhe continúe a beneficiar alguns devotos que ainda não fôram attendidos.

Em seguida houve pratica sobre o Evangelho do dia: dois milagres, um do leproso que orando a Jesus pediu que o curasse; o outro do creado do Centurião, que em um momento recuperou a saude, por vêr o Senhor tanta fé no Centurião. Mostrou-se que se a lepra é a doença que torna o corpo disforme, medonho e nojento, ainda isto não é nada, comparado com o miseravel estado da alma, onde entra a lepra do peccado. E mostrou-se mais que, para acolher de Deus favoravel despacho ás nossas supplicas, era necessaria uma fé ardente e perseverante, uma confiança humilde e amorosa, etc.

N'este mez distribuiram se 165 pães, algumas mantas e varias esmolas em dinheiro.

Cartas 8; esmolas 16$740 réis.

GRAÇAS A SANTO ANTONIO

Meu glorioso Santo Antonio: Agradecendo-vos a graça que me fizestes, ahi vos deixo uma esmola para o pão dos pobrezinhos que vós tão gloriosamente protegeis, e vos peço me protejaes... — Uma vossa devota. *B. S. J. G.*

— Bemaventurado Santo Antonio: Agradeço-vos a graça que me concedestes melhorando-me da grave enfermidade de que fui accommettida e cumprirei fielmente a promessa que vos fiz dando todos os mezes 500 réis para o pão dos vossos queridos pobrezinhos.

Rogo-vos, pois, meu Bemaventurado S Antonio, que continueis a dispensar-me vosso grande patrocinio junto do Menino Jesus e sua Santissima Mãe, dando-me saude a meus filhos e minha familia. — Uma humilde devota — *M. J.*

— Meu glorioso Santo Antonio: Venho agradecer-vos o grande beneficio que me fizestes, em uma grande afflicção em que me vi. Tendo perdido uns objectos que tanta falta faziam promettendo eu, se vós fôsseis servido que eu os achasse,

de vos dar uma esmola conforme eu podesse para o pão dos vossos pobrezinhos, como fui ouvido, venho hoje reconhecida a vossos pés agradecer-vos tão assignalado favor.

ERICEIRA

Já ha mais tempo deveria ter começado as minhas pequenas correspondencias para a *Voz de Santo Antonio*, e tanto mais quanto n'esta freguezia se acha instalada canonicamente, pelo muito rev.º Fr. José da Mãe de Deus, a tão sympathica quão bella devoção da Pia União e do Pão dos Pobres de Santo Antonio; mas ainda começo a tempo.

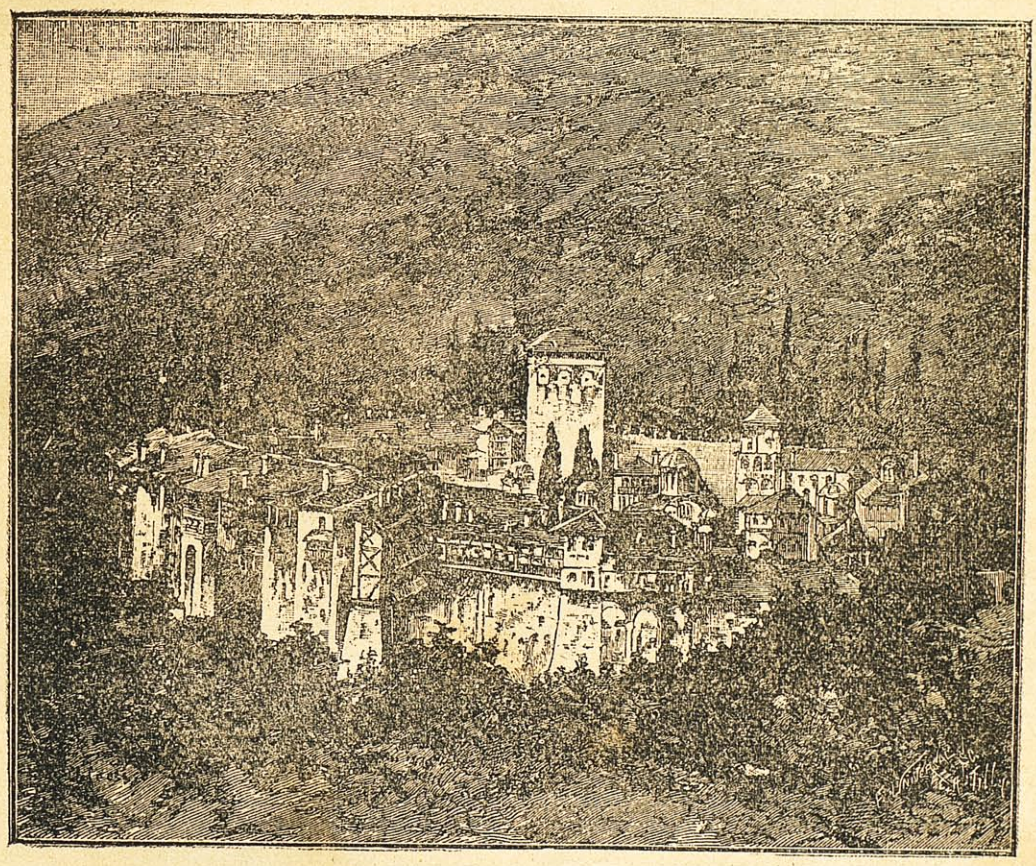
Foi o dia de todos os Santos, 1.º de novembro do anno proximo passado, o escolhido para a instalação da Obra do nosso Bom Santo. Bem acertado e escolhido em todo o sentido da palavra, e em certo modo abençoado pelo Santo, pois d'então para cá tenho experimentado a influencia da sua protecção e a força do seu valimento perante o Todo Poderoso.

A Elle por isso me entrego todo e tudo, e lhe rogo que não cesse de alcançar muitas e muitas graças e de toda a especie para todo este bom povo e excellente freguezia.

A festa correu bem e devido á generosidade d'algumas damas, que custearam as despezas da mesma festa, fôram distribuidos em seguida á missa cantada e depois do eloquente sermão de sua rev.ª o snr. Fr. José da Mãe de Deus, 100 pães de kilo a 100 pobres da freguezia.

A sementeira foi feita por mão de mestre e a semente abundante, por isso espera-se com bom fundamento, que a colheita lhe seja proporcional.

E na verdade a commissão formada pelo digno installador para dirigir e administrar tão boa Obra está satisfeitissima com o Santo Thaumaturgo e reconhecidissima para com a protecção do céo.



O Convento de Chilandar (Asia Menor)

A imagem do Santo é bem delineada, de bom artista e representa a inspiração de Murillo; é lindo e bello, como linda é a devoção que se lhe dedica e bella a protecção que nos dispensa; a Sua Em.ª o Snr. Cardeal Patriarcha de Lisboa é que se deve a alta fineza, d'esta freguezia possuir hoje uma imagem tão rica e tão bella.

Já por tres vezes se abriram os cofres encontrando-se n'elles:

1.ª vez a 29 de novembro de 1898 — 9$300 réis e cincoenta e cinco bilhetes de petições e acções de graças.

2.ª vez a 27 de dezembro de 1898 — 5$405 rs.